



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

## **CINECLUBES: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA E EDUCAÇÃO PARA O CINEMA DE CRIANÇAS E JOVENS**

Milene dos Santos Figueiredo, NEI-CAp/UFRN  
Monica Fantin, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

### Resumo:

O trabalho apresenta parte de uma pesquisa de doutorado realizada na Universidade do Minho/Portugal (2024), com o objetivo de compreender os itinerários de educação para o cinema estabelecidos por dois cineclubes brasileiros e dois cineclubes portugueses. Através de uma pesquisa qualitativa, pautada em um estudo coletivo de casos, onde se buscou compreender concepções e práticas dos projetos de educação para o cinema implementados pelos quatro cineclubes analisados, identificamos a importância dessas instituições culturais na formação de crianças e jovens para o exercício de cidadania e democracia na cultura digital.

Palavras Chaves: Cineclubes, culturas infantojuvenis, educação para o cinema, cultura digital

### Resumo Expandido:

A presente reflexão tem origem no contexto de uma pesquisa de doutorado intitulada “Cineclubes e a educação para o cinema de crianças e jovens: itinerários portugueses e brasileiros” (Figueiredo, 2024), que analisou as concepções e práticas de quatro cineclubes não escolares, dois em Portugal e dois no Brasil, com projetos de educação para o cinema voltados ao público infantojuvenil. No recorte desta reflexão é importante discutir sobre como podemos pensar a criação e manutenção de diferentes espaços para além dos muros escolares, onde crianças e jovens possam exercer novas possibilidades de socialização, comunicação, participação e cidadania.

Entre diversas possibilidades, consideramos que os cineclubes configuram-se como espaços de resistência cultural extremamente importantes na história dos dois países investigados: possibilitam novas estratégias de análise crítica dos diferentes produtos audiovisuais contemporâneos endereçados a diferentes públicos; permitem o acesso à história e memória do cinema mundial, bem como as produções nacionais, regionais e



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS E TEMPOS EDUCATIVOS

locais de cada país; e oportunizam a produção de próprios conteúdos audiovisuais, contribuindo com o exercício do direito à cidadania digital de forma qualitativa e crítica. Embora crianças e jovens do contemporâneo tenham uma diversidade de oportunidades de acesso a novos dispositivos e artefatos tecnológicos de comunicação e entretenimento na cultura digital<sup>1</sup>, esse acesso nem sempre garante uma participação mediada/qualificada desse público na sociedade e na cultura mais ampla. Diversas pesquisas (Livingstone, Bober e Helsper, 2005; Buckingham, 2010; Pereira, 2021) apontam que as práticas on-line desses públicos ainda são majoritariamente restritas a atividades voltadas ao consumo e de caráter mais reprodutivo, e na análise dos canais de Youtube de crianças e jovens brasileiros Sampaio, Pereira e Cavalcante (2021) consideram que, quando as crianças e jovens atuam como produtores audiovisuais, predomina a reprodução de discursos voltados ao estereótipo negativo e preconceituoso em relação à desigualdade econômica da população brasileira.

Sabemos que apenas o acesso a diferentes plataformas e dispositivos de comunicação não é suficiente para uma efetiva formação ética, crítica e criativa de crianças e jovens, e que uma mediação educativa é fundamental para o exercício da cidadania na cultura digital. A criação e efetivação de diferentes práticas mediadoras em diferentes espaços e instituições educativas e culturais pode ampliar o repertório cultural, propiciar a análise, a reflexão, a invenção e produção de novas formas de participação das culturas infantojuvenis na contemporaneidade.

Considerando a distinção entre participação e interação (Carpentier, 2011), as práticas de educação para o cinema pautadas em um conceito de participação podem ampliar a noção de interação, a partir de uma perspectiva ecológica e integrada da mídia-educação. Ou seja, uma perspectiva que considera as diferentes mídias e as relações entre elas, a partir da adoção “de uma postura crítica e criadora de capacidades comunicativas, expressivas

---

<sup>1</sup> Conforme dados obtidos através da pesquisa TIC Kids Online Brasil (2021-2022), que analisou as práticas on-line de crianças e jovens entre 9 e 17 anos. e constatou um aumento no número de usuários de internet em crianças e jovens da faixa etária investigada em relação a 2019 - de 89% para 93%. Fonte: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções, para produzir mídias e também para educar para a cidadania” (Fantin, 2008, p. 72).

Uma educação para o cinema pensada pelo viés da mídia-educação nos permite conectar o cinema a dimensões formativas mais amplas do que um “mero ensino” das especificidades da linguagem cinematográfica. Entendendo o cinema como um dispositivo, como Arte, indústria e linguagem e componente da cultura digital, defender uma educação para o cinema propicia “um processo pedagógico que procura capacitar os cidadãos para viverem de forma crítica e interventiva a “ecologia comunicacional” dos nossos dias” (Pereira et al, 2014, p. 5).

E tais pressupostos dialogam com algumas práticas de educação para o cinema propostas em contexto cineclubista não escolar analisadas na pesquisa de Figueiredo (2024), que nos permitiu conhecer diferentes concepções, estratégias e metodologias construídas por quatro instituições: o Cineclube de Viseu e a AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, em Portugal (nas cidades de Viseu e Viana do Castelo, respectivamente); o Cineclube da Mostra e o Cineclubinho Ó Lho Lhó, em Florianópolis, SC, Brasil. A partir de uma pesquisa qualitativa, pautada em um estudo coletivo de casos (Dooley, 2002), por meio de observações dos projetos e práticas de educação para cinema, entrevistas com dirigentes, mediadores, crianças e jovens participantes dos cineclubes investigados, foi possível compreender os sentidos de algumas relações estabelecidas em cada um dos cineclubes investigados.

A investigação dos estudos de casos envolveu também uma análise documental dos projetos educativos de cada cineclube, bem como de entrevistas semiestruturadas com dirigentes, mediadores, crianças e jovens envolvidos nas ações propostas pelos cineclubes. Também presenciamos algumas ações realizadas pelo projeto “Cinema nas escolas” (Cineclube de Viseu/PT), “Escolas em Grande Plano” (AO NORTE/Portugal), “Cineclube da Mostra” (Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis/Brasil) e “Cineclubinho Ó Lho Lhó” (Cineclube Ó Lho Lhó/Florianópolis/Brasil).



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Nas considerações da investigação, constatamos que, por uma série de fatores, a construção de propostas de educação para o cinema são mais complexas nos dois casos de Portugal. “Cinema para as escolas” (Cineclube de Viseu) e “Escolas em Grande Plano” (Associação AO NORTE) são projetos com mais de vinte anos de existência, elaborados pelos dirigentes cineclubistas a partir das suas experiências pessoais com o cinema e da articulação com as instituições educativas ao longo dos anos e em diálogo com o Plano Nacional de Cinema de Portugal. Por sua vez, os dois casos brasileiros revelam propostas mais recentes, ainda em processo de estruturação, mas com significativa repercussão educativa e cultural em suas realidades.

As análises desses quatro casos seguiram algumas categorias de análise exploradas conceitualmente ao longo de toda investigação. Além do aprofundamento das metodologias e práticas efetivas de educação para o cinema propostas, também buscamos compreender como os casos analisados percebem as transformações em torno dos conceitos de cinema, cineclubismo e culturas infantojuvenis ao longo do paradigma da Pós-modernidade.

Constatamos que, de forma similar, os cineclubes portugueses compreendem que uma das suas principais funções é a de viabilizar o acesso a filmes de qualidade artística e estética do cinema infantil, diferenciando-se da oferta das salas de cinema comerciais, bem como a de preservação da memória cinematográfica europeia e portuguesa. Nas duas instituições, encontramos indícios de concepções e práticas que pensam o lugar do cineclubismo a partir de uma vertente de “democratização cultural” (Lopes, 2009), ou seja, consideram as ausências e carências do público, buscando construir uma cultura cinematográfica dentro de uma perspectiva ainda muito pautada na cinefilia de caráter erudito. As falas e impressões das crianças e jovens que participaram das atividades promovidas pelas instituições, somadas ao restante do nosso *corpus* de análise, também nos permitiram constatar que, em muitos momentos, elas acabaram sendo desconsideradas dos processos de educação para o cinema propostos pelas duas instituições, em virtude de dinâmicas que tanto desconsideram os seus repertórios



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS/TEMPOS EDUCATIVOS

imagéticos, como de uma maior valorização dos produtos finais gerados no trabalho de produção fílmica.

O momento da exibição possui um peso muito forte para os dois cineclubes portugueses, bem como para o Cineclube da Mostra (Brasil). Nos três casos observamos a intenção dessas instituições em se diferenciar da oferta cinematográfica das salas de cinema comerciais e dos canais de *streaming*. Embora seja um dos aspectos principais do cineclubismo, questionamos se a simples exibição desses repertórios garante uma transformação nos gostos e preferências fílmicas dos públicos infantojuvenis, pois, sem a criação de tempos e espaços de reflexão e debate sobre as obras apresentadas, acabam concorrendo de forma “desleal” com os apelos comerciais gerados pelas grandes indústrias cinematográficas, através da venda dos inúmeros artefatos associados aos filmes.

Por fim, o caso do Cineclubinho Ó Lhó Lhó (Brasil), embora ainda em processo de afirmação e consolidação das suas estratégias metodológicas, apresentou algumas bases conceituais que entendem o cineclubismo como uma instituição do público, e não apenas para o público.

Nesse sentido, entendemos que os cineclubes analisados, ao pautarem suas práticas de educação para o cinema “para” o público infantojuvenil e não “com” por vezes podem limitar as formas de participação das crianças e jovens nesse processo. Porém, também observamos algumas atividades em que as crianças e jovens atuavam como protagonistas, sendo consideradas e estimuladas a participar falando, opinando, produzindo, avaliando e conduzindo algumas ações voltadas à produção fílmica que experimentavam, construindo outros sentidos e significados sobre essas produções. Nessas experiências, destacamos a dimensão lúdica das atividades, onde o brincar com as imagens fazia parte do objetivo do trabalho, pois, quando a brincadeira é convocada nesse processo, as crianças conseguem falar sobre si e sobre o mundo, expressando e ressignificando suas experiências pessoais e coletivas.

Referências



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

BUCKINGHAM, D. (2010). Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, v. 3, nº 35, p. 37-58, 2010. <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077>. Acesso em: 28 Maio, 2024.

CARPENTIER, N. Contextualising author-audience convergences: ‘New’ technologies’ claims to increased participation, novelty and uniqueness. **Cultural studies**, v. 25, n. 4–5, p. 517–533, 2011. <https://doi.org/10.1080/09502386.2011.600537>. Acesso em: 23 Maio, 2024.

DOOLEY, L. M. Case study research and theory building. **Advances in Developing Human Resources**, v.4, nº.3, p. 335–354. 2002. <https://doi.org/10.1177/1523422302043007>. Acesso em: 23 Maio, 2024.

LIVINGSTONE, S.; BOBER, M.; HELSPER, E. J. Active participation or just more information?: Young people’s take-up of opportunities to act and interact on the Internet. **Information, Communication and Society**, v.8, nº 3, p. 287–314. 2005. <https://doi.org/10.1080/13691180500259103>. Acesso em: 22 Maio, 2024.

FANTIN, M. (2008). Os cenários culturais e as multiliteracies na escola. **Comunicação e sociedade**, nº 13, p. 69–85. 2008. [https://doi.org/10.17231/comsoc.13\(2008\).1145](https://doi.org/10.17231/comsoc.13(2008).1145). Acesso em: 20 Maio, 2024.

FIGUEIREDO, M. S. **Cineclubes e educação para o cinema de crianças e jovens: itinerários portugueses e brasileiros**. 2004. 392 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2024.

LOPES, J. T. Da democratização da cultura a um conceito e práticas alternativas de democracia cultural. **Cadernos de estudo**, nº 14, p. 2-13. doi: 10.17346/se.vol14.121, 2009.

PEREIRA, S. (2021). **Crianças, jovens e Media na era digital**. Consumidores e produtores? Braga: Uminho Editora - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2021. 78 p.

PEREIRA, S.; PINTO, M.; MADUREIRA, E.J; POMBO, T & GUEDES, M. **Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário**. Portugal: Ministério da Educação e Ciência. 2014. 45 p.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

SAMPAIO, I. V.; PEREIRA, G. C.; CAVALCANTE, A. P. P. Crianças Youtubers e o exercício do direito à comunicação. **Cadernos CEDES**, v. 41, nº 113, p. 14–22. 2021. <https://doi.org/10.1590/cc231374>. Acesso em 23 Maio, 2024.